

Expresso

08-10-2016

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Economia

Dimensão: 411 cm²

Imagem: N/Cor

Página (s): 34

O professor de Finanças da AESE Business School frisa que desvalorizar a moeda é uma medida que relança o consumo, promove a especulação e arruina a nação

Em Angola é que é!

José Miguel Pinto dos Santos
e André Alvim

Em Angola é que se vive bem!" é um desabafo que se ouve com frequência, em momentos mais relaxados, dos recém-retornados de Angola. Daqueles que, depois de lá trabalharem alguns anos, se viram forçados a regressar à base.

Quando, para afirmação tão surpreendente, se pede uma explicação, ela é do estilo: "Em Luanda é uma festa todos os dias; jantamos sempre fora, bons bifés e boa lagosta, sempre bem regados com uma boa garrafa de Moët & Chandon." Se se lhes faz reparar que em Lisboa também há boa lagosta e bom Moët, respondem: "Sim, mas cá são caríssimos!" Se cá são caríssimos, quer dizer que lá são baratíssimos? "Sim, lá uma garrafa de M&C são só 100 mil kwanzas." Quantos euros é isso?

Aqui os retornados fazem umas contas e respondem, não sem alguma autossurpresa: "À volta de uns 600 euros." O tuga local fica atónito: "Só 600 euros? Mas cá, mesmo num bar *trendy*, bebem-se por uma fração disso..."

Como pode alguém dizer que 100 mil kwanzas por uma garrafa (600 euros!) é baratíssimo? A resposta está na natureza do dinheiro. O dinheiro serve várias funções económicas. A mais básica é servir de meio de pagamento: se depois de trabalhar me derem dinheiro considero-me ressarcido, e se pagar com dinheiro o preço de um bife, o restaurante considera-se saldado. Mas existe também a expectativa que dinheiro sirva de reserva de valor, isto é, que o dinheiro que recebi hoje dê para comprar um bife daqui a um ano semelhante ao bife que posso comprar hoje.

Por circunstâncias várias, nomeadamente a monetização da despesa pública angolana, o kwanza não serve atualmente de re-

serva de valor: se um kwanza dá hoje para comprar uma migalha, amanhã dará para comprar meia. Assim, quem tem kwanzas não quer ter kwanzas. Como o kwanza, por decisão governamental, não é convertível noutras moedas, quem tem kwanzas empata dinheiro (em imobiliário ou mobiliário) ou consome, comendo lagosta e bebendo M&C. Investimentos produtivos, como importar uma máquina da Alemanha, são impossíveis. Como a maior parte dos portugueses em Angola não só não pode, como também não quer, empatar dinheiro lá, resta-lhes consumir, lá e agora, o que vai recebendo. Quem chega ao fim do dia com 100 mil kwanzas ou compra uma garrafa de champanhe ou fica sem nada.

Moral: quando o dinheiro perde a função de reserva de valor, tudo se torna barato e não custa nada gastá-lo. Desvalorizar vigorosamente a moeda é uma excelente medida para relançar o consumo, promover a especulação e arruinar a nação.